

**MANUEL CORREIA DE ANDRADE E A  
CONSOLIDAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM  
GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE – BRASIL**

**MANUEL CORREIA DE ANDRADE AND THE  
CONSOLIDATION OF THE POST-GRADUATE IN  
GEOGRAPHY AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF  
SERGIPE – BRAZIL**

**MANUEL CORREIA DE ANDRADE Y LA  
CONSOLIDACIÓN DEL POSGRADO EN GEOGRAFÍA  
DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE SERGIPE –  
BRASIL**

**José Wellington Carvalho Vilar**

Professor Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS) e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

E-mail: [wvilar@yahoo.com.br](mailto:wvilar@yahoo.com.br)

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5061-5116>

**RESUMO:**

Manuel Correia de Andrade é uma referência incontestável na geografia brasileira. Em Sergipe não é diferente e suas contribuições à Pós-graduação, à pesquisa e ao ensino na Universidade Federal de Sergipe (UFS) foram muito grandes e bastante representativas, com marcas indelévelis em toda uma geração de geógrafos e geógrafas. O objetivo do presente texto é destacar o papel do egrégio professor na consolidação dos cursos de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Em termos metodológicos, foram feitas consultas aos primeiros relatórios enviados à CAPES pelo então Núcleo de Pós-graduação em Geografia (NPGE) e entrevistas com professores do atual Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGE) da UFS. Os registros em forma de depoimentos de vários professores da primeira geração do PPGE, alguns já aposentados, também se mostraram valiosos como fonte de informação e de dados para ilustrar a força das ideias, a coragem do pensamento, a oportunidade da crítica com lastro na História, no Direito e na Filosofia, e a importância aguda das colaborações do Professor Manuel Correia de Andrade no campo da geografia agrária, em especial do campesinato, dos problemas da modernização do campo e da (des)organização do espaço rural no Nordeste brasileiro, temáticas caras ao NPGE e ao PPGE da UFS. Palavras chaves: Manuel Correia de Andrade; Memória; Pós-graduação em Geografia em Sergipe, Brasil.

**ABSTRACT:**

Manuel Correia de Andrade is an undeniable reference in Brazilian geography. It is no different in Sergipe and his contributions to graduate studies, research and teaching at the Federal University of Sergipe (UFS) were very large and quite representative, with indelible marks on a whole generation of geographers. The purpose of this text is to highlight the role of the distinguished professor in the consolidation of the Postgraduate courses in Geography at the Federal University of Sergipe. In methodological terms, consultations were made on the first reports sent to CAPES by the then Nucleus for Postgraduate Studies in Geography (NPGE) and interviews with professors from the current Postgraduate Program in Geography (PPGE). The records in the form of testimonies from several professors of the first generation of PPGE, some already retired, also proved to be valuable as a source of information and data to illustrate the strength of ideas, the courage of thought, the opportunity for criticism based on History, in Law and Philosophy, and the acute importance of Professor Manuel Correia de Andrade's collaborations in the field of agrarian geography, especially the peasantry, the problems of rural modernization and the (dis)organization of rural space in the Brazilian Northeast, themes dear to the UFS NPGE and PPGE.

**Keywords:** Manuel Correia de Andrade; Memory; Postgraduate Studies in Geography in Sergipe, Brazil.

**RESUMEN:**

Manuel Correia de Andrade es una referencia indiscutible de la geografía brasileña. No es diferente en Sergipe y sus contribuciones a los estudios de posgrado, investigación y docencia en la Universidad Federal de Sergipe (UFS) fueron muy grandes y bastante representativas, con marcas imborrables en toda una generación de geógrafos. El objetivo de este texto es resaltar el papel del distinguido profesor en la consolidación de los cursos de Posgrado en Geografía de la Universidad Federal de Sergipe. En términos metodológicos, se realizaron consultas sobre los primeros informes enviados a la CAPES por el entonces Núcleo de Posgrado en Geografía (NPGeo) y entrevistas con profesores del actual Programa de Posgrado en Geografía (PPGeo) de la UFS. Los registros en forma de testimonios de varios docentes de la primera generación del PPGeo, algunos ya jubilados, también resultaron valiosos como fuente de información y datos para ilustrar la fuerza de las ideas, la valentía del pensamiento, la oportunidad de la crítica basada en la Historia, en el Derecho y en la Filosofía, y la aguda importancia de las colaboraciones del profesor Manuel Correia de Andrade en el campo de la geografía agraria, especialmente del campesinado, los problemas de la modernización rural y la (des)organización del espacio rural en el Nordeste brasileño, temas caros al NPGeo y al PPGeo de la UFS.

**Palabras clave:** Manuel Correia de Andrade; Memoria; Posgrado en Geografía en Sergipe, Brasil.

**1 INTRODUÇÃO**

O Dr. Manuel Correia de Oliveira Andrade, ou Manuel Correia de Andrade (MCA), como é mais conhecido, ou ainda simplesmente professor Manuel, é uma referência incontestável na geografia brasileira. Em Sergipe não é diferente e suas contribuições à Pós-graduação, à pesquisa e ao ensino da geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) foram muito grandes e bastante representativas, com marcas indeléveis em toda uma geração de geógrafos e geógrafas.

O objetivo do presente texto é destacar o papel do egrégio professor na consolidação dos cursos de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Mas para entender essa pós-graduação se faz necessário mergulhar um pouco na história da graduação da UFS, uma vez que se tratam de trajetórias paralelas nas quais há intercâmbio e retroalimentação. Nesse sentido, o texto faz incursões históricas na vida profissional de alguns geógrafo(a)s sergipano(a)s antes de discutir propriamente a pós-graduação em Geografia da UFS em si e sua vinculação com o Professor Manuel Correia de Andrade.

Em termos metodológicos, foram feitas consultas aos primeiros relatórios enviados à CAPES pelo então Núcleo de Pós-graduação em Geografia (NPGeo)<sup>1</sup> e entrevistas informais com professores do atual Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) da UFS. Os registros em forma de depoimentos de vários professores da primeira geração do PPGeo, alguns já aposentados, também se mostraram valiosos como fonte de informação e dados para ilustrar a força das ideias, a coragem do pensamento, a oportunidade da crítica com lastro na História, na epistemologia geográfica, no Direito e na Filosofia, e a importância aguda das colaborações do Professor Manuel

---

<sup>1</sup> O NPGeo (Núcleo de Pós-graduação em Geografia) existiu até o ano de 2014 quando a nomenclatura foi substituída para PPGeo (Programa de Pós-graduação em Geografia), vigente até hoje.



Correia de Andrade no campo da geografia agrária, em especial do campesinato, dos problemas da modernização do campo e da (des)organização do espaço rural no Nordeste brasileiro, temáticas afins às áreas de concentração e às linhas de pesquisa do programa ao longo do tempo, ou seja, praticamente dos últimos quarente anos de existência<sup>2</sup>.

## 2 MANUEL CORREIA DE ANDRADE E OS PRIMÓRDIOS DA GEOGRAFIA SERGIPANA

Os contatos entre Manuel Correia de Andrade e a geografia sergipana são de longa data. Iniciaram-se no famoso curso de Altos Estudos Geográficos, ministrado logo após o XVIII Congresso Internacional de Geografia, promovido pela União Geográfica Internacional (UGI), realizado no Rio de Janeiro, em 1956, para professores universitários brasileiros. No evento e no curso, além da presença de geógrafos estrangeiros de renome<sup>3</sup>, Andrade (1991-1992; 1985) destaca o aprofundamento dos conhecimentos geográficos, o início do amadurecimento da geografia brasileira, inclusive para questões sociais e econômicas, e o fortalecimento dos contatos com professores das mais variadas universidades brasileiras, públicas e particulares. Especificamente sobre o curso, Andrade (1991/1992, p. 133) tece a seguinte observação:

Entre os colegas me aproximei muito de **Bonifácio Fortes, de Sergipe**, de Milton Santos, Dalmo Pontual, Nilda Guerra (já falecida), e de Anna Carvalho, da Bahia, de Guiomar Goulart de Azevedo e Alisson Guimarães (já falecido), de Minas Gerais, de Araújo Filho e Blás Berlanda Martínez, de São Paulo e de Rafael Copstein e Alba Gomes, do Rio Grande do Sul (ANDRADE, 1991/1992, p. 133, grifo nosso).

---

<sup>2</sup> A primeira área de concentração do NPGEIO foi em Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido. Num segundo momento, no ano de 2001, a área de concentração foi modificada para Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional com três linhas de pesquisa: Produção e Organização do Espaço Agrário; Dinâmica Ambiental; e Análise Regional. Na atualidade, a área de concentração do PPGEIO é Produção do Espaço Agrário e Dinâmicas Territoriais, com as seguintes linhas de pesquisa: Produção do Espaço Agrário, Dinâmicas Territoriais e Desenvolvimento e Dinâmica Ambiental. Essas três linhas foram instituídas com a última reforma curricular do Programa (Instrução Normativa PPGEIO/UFS, nº 01, de 20/01/2015) que oferta cursos de Mestrado e Doutorado em geografia. <[https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt\\_BR&id=137](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=137)>. Acesso em: 29 de janeiro de 2022.

<sup>3</sup> “Este curso foi planejado e dirigido pelo Prof. Hilgard Stenberg, tendo como assistente a Professora Maria do Carmo Galvão e foi ministrado por sete mestres estrangeiros para quarenta estudantes brasileiros, todos professores universitários. Este curso foi ministrado pelos professores Orlando Ribeiro, da Universidade de Lisboa que deu um curso sobre a Geografia da Expansão Portuguesa no Mundo; por Karl Troll, da Universidade de Bonn que deu curso sobre Biogeografia da América Latina; por E. Rainz, que deu curso sobre Cartografia e pelos professores franceses, todos da Universidade de Paris, Pierre Monbeig com um curso de Geografia Agrária do Mundo Tropical, Pierre Deffontaines com Geografia da Pecuária na América do Sul; Pierre Birot com Geomorfologia do Cristalino e André Cailleux com Sedimentologia” (REVISTA GEOSUL, Entrevista com Manuel Correia de Andrade, 1991-1992, p. 132-133).



Os laços profissionais e amistosos de MCA com o professor Bonifácio Fortes, também de formação original na área do Direito, num momento em que muitos advogados eram professores universitários de geografia, endossaram a participação do então jovem geógrafo José Alexandre Filizola Diniz no XVII Congresso da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), realizado na cidade de Penedo (AL), em 1962, sob a presidência do próprio Manuel Correia de Andrade.

Quando a gente fundou a AGB aqui, em 1961, e fomos para o congresso de Penedo, nosso professor de Geografia Humana era Bonifácio Fortes que tinha sido colega da Faculdade de Direito de Manuel Correia, em Recife. Bonifácio era um Geógrafo nato, com uma formação quase autônoma e tinha feito aquele curso que foi dado pela UGI em 1956, quando houve o Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro, e que os professores franceses ficaram ministrando um mês de aula para o pessoal da Geografia brasileira. Então, nós fundamos a AGB aqui em Sergipe e Manuel Correia veio com Araújo que era o secretário-geral da AGB nacional. (...). E nós fomos para AGB e o Bonifácio disse ao Manoel que eu tinha escrito um trabalho sobre Aracaju, que certamente alguns de vocês conhecem, aquele primeiro trabalhinho “Aracaju, Síntese de sua Geografia Urbana”. E Manoel disse que a Lysia Bernardes estaria presente no Congresso e (...) ela poderia dar uma lida no seu trabalho e melhorá-lo. (...). Quando eu chego na AGB de Penedo, Manoel olha para mim e diz: amanhã de manhã você vai apresentar seu trabalho. Eu digo: como é? Ele respondeu: vai apresentar o seu trabalho. Eu não tinha levado absolutamente nada, não tinha levado um mapa, não tinha levado nada, foi de surpresa. Foi um sucesso, porque um menino lá de Aracaju apresenta um trabalho de pesquisa feito autonomamente e uma das pessoas que me elogiou muito e depois ficou conversando muito comigo foi simplesmente Caio Prado Júnior, que participava anualmente como sócio fundador da AGB (DINIZ, 2017, p. 253).

Sobre o professor Alexandre Diniz, Andrade (1988, p. 199), em sua preocupação com a contribuição dos geógrafos ao desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil, num contexto de deferência para com os pares, tece a seguinte observação: “(...) de Alexandre Filizola Diniz com a preocupação de análise das estruturas agrárias e de regionalização, tentando utilizar racionalmente os métodos matemáticos-estatísticos e dar uma base filosófica às suas divagações geográficas (...)” A recíproca parece verdadeira, pois Diniz (2017), por ocasião do evento de comemoração dos 30 anos de pós-graduação em geografia na Universidade Federal de Sergipe (1983-2013), enfatiza a força do trabalho em rede, a relação de contatos com os centros de excelência da geografia brasileira e seus mais proeminentes intelectuais.

E o que é mais importante, eu tinha uma rede de conhecimento nacional, do pessoal de Rio Claro, sobretudo, da USP, da UFRJ, de Pernambuco. **Meu pai intelectual (...) é o Manoel Correia. Foi quem primeiro me deu a mão e me puxou, queria muito bem a ele. Era na realidade um Pai para mim** (DINIZ, 2017, p. 249, Grifo nosso).



Ao destacar a história da geografia universitária no Nordeste, Andrade (1986) enfatiza os grupos da Pernambuco e da Bahia, através das lideranças de Gilberto Osório e Mário Lacerda, no primeiro caso, e Milton Santos, no segundo. Em ambos os estados houve a realização de eventos da AGB, que de uma forma ou outra deram visibilidade e subsídios aos grupos regionais em formação e com intensos e variados estudos<sup>4</sup>.

Nos outros Estados, formaram-se grupos menos expressivos. No Ceará, já depois de 64/65 surgiu um pequeno grupo liderado por Amélia Nogueira Moreira. No Rio Grande do Norte, acho que só começou a se dinamizar depois da criação dos cursos de Mestrado. Na Paraíba, houve na década de 60 um esforço muito grande; trouxeram Mariano Feio e depois Nilo Bernardes, que tentaram fazer um mapa da Paraíba. Em Alagoas, a coisa se dinamizou um pouco depois da ida de Ivan Lima, que é mais geólogo. **Em Sergipe, fiz contato com a AGB, encontrando Alexandre Diniz, ainda estudante e Presidente do Diretório, que posteriormente deu boa dinamização à Geografia.** No Piauí e Maranhão sem querer desmerecer, acho que a coisa ainda está por ser dinamizada (ANDRADE, 1986, p. 112, grifo nosso).

Como se vê, os laços com a geografia sergipana são de longa data e se iniciam com o professor Bonifácio Fortes, advogado e professor da antiga Faculdade de Filosofia de Sergipe (FAFI), um dos embriões do que depois viria a ser a Universidade Federal de Sergipe (VILAR ET AL., 2021). Além de Bonifácio Fortes e José Alexandre Filizola Diniz, também houve contatos sólidos com a professora Dr<sup>a</sup> Adelci Figueiredo, referenciada por Andrade (1989) no texto onde desenvolve reflexões sobre os problemas do Doutorado no Brasil e sobre a livre docência<sup>5</sup>, uma alternativa às dificuldades de titulação para a oferta de curso de pós-graduação em nosso país, sobretudo fora do eixo USP - UNESP. Esses dois últimos professores sergipanos (Alexandre Diniz e Adelci Figueiredo) foram as lideranças que capitanearam a formação da pós-graduação, primeiro como especialização em Geografia da Agricultura, em 1983, e depois com o Mestrado, em 1985, com área de concentração em Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido, e Doutorado, iniciado em 2002, focado em Produção do Espaço Agrário e Dinâmicas Territoriais.

<sup>4</sup> “Em 1954, o professor Mário Lacerda foi eleito presidente da AGB e realizou um congresso em Garanhuns. Em 1956, foi eleito Gilberto Osório, com muito grande apoio da família Rosado. Em 1961, fui eleito Presidente da AGB, no Paraná, e fiz o congresso em Penedo, Alagoas (...)” (GEONORDESTE, 1986, p. 112). Vale ressaltar que no Congresso de Penedo, participaram, geógrafos do jaez de Orlando Valverde, Lysia Bernardes, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e Tereza Cardoso, além de não geógrafos, do quilate de Celso Furtado, então, Superintendente da SUDENE, e Caio Prado Jr., ambos com ativa participação no evento (GEONORDESTE, 1986; GEOSUL, 1991-1992).

<sup>5</sup> “Nesse período [refere-se à implantação da pós-graduação brasileira] vários professores como **Adelci Figueiredo em Sergipe**, Gervásio Neves e Aldo Paviani em Minas Gerais e Bertha Becker, no Rio de Janeiro, aproveitaram a oportunidade e com a livre docência passaram a usufruir os direitos equivalente ao Doutorado” (ANDRADE, 1989, p. 77, grifo nosso)



### 3 A CONTRIBUIÇÃO DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE NA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Foram muitas e variadas as contribuições do Professor Manuel nas primeiras turmas e na consolidação da pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Sergipe. Em primeiro lugar, cabe destacar aquelas associadas ao ensino, mas também vale ressaltar a participação em bancas de mestrado, a abertura do ano letivo de 1983 e 1997 ministrando aulas magnas, palestras em eventos e o reconhecimento como Doutor Honoris causa pela UFS no ano de 1995<sup>6</sup>. Verifica-se assim, pelo menos, cinco tipos de registros para comprovar a estreita relação entre o professor Manuel e o NPGeo entre os anos oitenta e noventa e até no primeiro lustro do século XXI.

As ideias vivas, a dilatada produção, a erudição, o engajamento político, a experiência na pós-graduação em Geografia e Economia e os contatos com lideranças da geografia brasileira e estrangeira credenciaram o professor Manuel como referência, não somente para UFS, mas também para as universidades que dispunham nos anos oitenta de cursos de Mestrado em geografia (ANDRADE 1989; 1994). O conhecimento e a experiência num momento em que praticamente só existia nessa área seis cursos de Mestrado (USP – São Paulo e Unesp de Rio Claro; Recife – UFPE; São Cristóvão, UFS; Florianópolis, UFSC; e Rio de Janeiro, UFRJ) e dois de Doutorado (USP – São Paulo e Unesp de Rio Claro) foram decisivos para o NPGeo.

As discussões sobre a necessidade de intercâmbio entre os cursos e da manutenção de uma intensa atividade editorial são pontos levantados por Andrade (1989) num contexto em que tanto a geografia brasileira como o ensino de pós-graduação no Brasil se acham em vias de alcançar a maioria e por isso mesmo necessitavam de medidas para sua efetiva melhoria de qualidade. A presença de grandes mestres, como Alexandre Diniz, em Sergipe, Manuel Correia, em Pernambuco e Silvio Bandeira de Mello e Silva, na Bahia, contribuiu para a discussão do funcionamento dos mestrados e da possibilidade de abertura do primeiro Doutorado em Geografia da região Norte-Nordeste, efetivado em 2002, tendo como lastro a experiência do convênio entre a UFS e a UNESP de Rio Claro nos anos noventa, que tituló uma série de doutores que puderam então colaborar com a pós-graduação.

Com efeito, trata-se de um profissional generoso que não cansava de emprestar seu prestígio acadêmico, lastro editorial e peso intelectual para contribuir com um projeto pensado e liderado

---

<sup>6</sup> Conforme informações da Professora Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Alves França, o título foi originalmente concedido em 1995, juntamente com o do professor Dr. Milton Santos, por ocasião do 1º Encontro Nacional da ANPEGE (Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia), realizado em Aracaju, tendo como tema central “Território Brasileiro e Globalização”, mas Manuel Correia de Andrade não pode comparecer naquela oportunidade e por isso a cerimônia de investidura foi realizada no ano de 1997.



pelo professor Dr. José Alexandre Diniz e pela professora Dr<sup>a</sup> Adelci Figueiredo, e que contou com a participação de todo um grupo de profissionais de alto gabarito, a exemplo do Prof Dr. Heinz Dieter Heidemann, que trabalhou na UFPE com o MCA, da Dr<sup>a</sup> Vânia Fonseca e Dr<sup>a</sup> Emmanuel Franco (Quadro 1). No início da pós-graduação, a presença de professores somente com a titulação de mestre era permitida no corpo docente e por isso vale destacar Neuza Maria Gois Ribeiro, com Mestrado na UFPE<sup>7</sup>, Maria Tereza Souza Cruz e Maria Hosana de Sousa, ambas com mestrado na Unesp-Rio Claro, onde a geografia quantitativa fez escola e foi a universidade de Doutorado do Professor Alexandre Diniz.

**Quadro 1:** Corpo Docente inicial do NP GEO

Nº	Professores	Titulação	Depto./IFES
1	Adelci Figueiredo Santos	Livre Docente	Geografia/UFS
2	José Alexandre Filizola Diniz	Doutor	Geografia/UFS
3	Heinz Dieter Heidemann	Doutor	Geografia/UFS
4	Vânia Fonseca	Doutora	Geografia/UFS
5	Emmanuel Franco	Livre Docente	Geografia/UFS
6	Cecília Maria Pereira Martins	Mestre	Geografia/UFS
7	Maria Hosana de Souza	Mestre	Geografia/UFS
8	José Ibarê Costa Dantas	Mestre	Geografia/UFS
9	Maria Tereza Souza Cruz	Mestre	Geografia/UFS
10	Josué Modesto dos Passos Subrinho	Mestre	Ciências Sociais/UFS
11	João Américo P. de Andrade	Mestre	Economia/UFS
12	Ivanete Rocha de Oliveira	Mestre	Educação/UFS
13	Barbara Christine Nentwig Silva	Doutora	Geografia/UFBA
14	<b>Manuel Correia de Andrade</b>	<b>Doutor</b>	<b>Geografia/UFPE</b>
15	Neuza Sales Ribeiro	Doutor	Educação/UFS
16	Carlos França Melo Morais	Mestre	EMATER-SE
17	Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva	Doutor	Geografia/UFBA
18	Sonia de Oliveira Leão	Doutora	Geografia/UFBA

Fonte: Conceição; França, 2008 (p. 16). Diniz (1984, p. 55).

Grifo nosso.

<sup>7</sup> O professor Manuel Correia participou da banca de mestrado da professora Neuza Maria Gois Ribeiro, cujo trabalho sobre Aracaju, orientado pelo Dr. José Alexandre Filizola Diniz, foi reconhecido pelo prêmio Nelson Chaves de Tese sobre Norte e Nordeste Brasileiro, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, e por isso publicado em forma de livro pela Editora Massangana, em 1989. Hoje essa obra é um clássico nos estudos urbanos de Aracaju, uma referência obrigatória para os interessados na trajetória urbana da capital sergipana e na configuração espacial dessa cidade. As teias de relações são constantes na trajetória do NP GEO/PPGEO.



Ao definir o então NPGEIO como um exemplo de determinação e persistência, a professora Vera França (2013) destaca a participação de vários geógrafos e geógrafas, principalmente oriundos de universidades públicas do Nordeste brasileiro, na oferta de disciplinas e nas orientações.

Para reforçar o quadro docente foram convidados professores de outras instituições, como **Manoel Correia de Andrade, de Universidade Federal de Pernambuco**, Barbara Christine Nentwig Silva e Sylvio Carlos Bandeira de Melo, ambos da Universidade Federal da Bahia, amigos desde primeira hora e com grande contribuição através da oferta de disciplinas e de orientação, sobretudo os dois últimos (FRANÇA, 2013, p. 4. Grifo nosso).

Essa questão da necessidade de titulação e a luta contra a endogenia, algo recorrente no programa, também tiveram a participação do Professor Manuel em Sergipe. Em face desse quadro, houve uma preocupação no NPGEIO com a vinda de professores visitantes, inclusive estrangeiros ou brasileiros com Doutorado no exterior. A postura do programa com a renovação e com a presença de doutores no quadro permanente evidenciou a necessidade de uma aposta clara na formação do grupo de base, ou seja, dos professores do departamento de Geografia da UFS.

Desse grupo vão sair os primeiros docentes da Pós-Graduação (...). A esse grupo se acrescenta a professora Vânia Fonseca, vinda de São Paulo por recomendação do pessoal de Rio Claro, **e também vem Dieter Heidemann, indicado por Manoel Correia**. Eu queria uma pessoa de uma formação diferente, senão esse pessoal vai ficar com “minha cabeça só” e não pode ser. **Manoel recomenda Dieter, porque eu queria uma pessoa da Geografia Crítica**. Então vem o Dieter Heidemann e algum tempo depois vem a **Maria Geralda** (DINIZ, 2017, p. 257. Grifo nosso).

É exatamente esse aspecto plural que vai caracterizar o programa até hoje, porque desde o início a visão elástica que permite pensamentos diferentes e admite a disputa com base mais nas ideias do que nas pessoas vai acompanhar a trajetória da pós-graduação em Sergipe. A inteligência geográfica em Sergipe, com seu olhar aberto, ao transitar pelas várias correntes do pensamento geográfico, e o espírito de autoavaliação, são indicadores da maturidade do programa desde seus momentos iniciais. A presença de professores com visões bastante diferentes, como é o caso de Dieter Heidemann e Maria Geralda de Almeida, são evidências de posturas mais abertas e plurais, dando passo ao crescimento do conhecimento geográfico em Sergipe. Nesse quesito, a influência incontestável das obras, a extensão dos vários tipos de intercâmbio e o alcance das ideias esclarecidas de Manuel Correia, merecem um registro todo especial.

Ainda no ensino, as aulas ministradas nas primeiras turmas da disciplina História do Pensamento Geográfico (HPG) revelam a importância da discussão epistemológica, de uma



geografia enraizada na história e do resgate dos clássicos na ciência geográfica: Humboldt, Reclus, Ritter, Ratzel e Vidal de La Blache. E falar em clássico é considerar obras que não envelhecem, resistem à passagem do tempo. Vargas (2013), em suas memórias dos 30 anos do PPGEIO, registra a grandeza das aulas que insistiam em situar esses autores no contexto histórico e epistemológico e assim dar mais sentido ao pensamento geográfico. Quanto a Humboldt e a leitura e discussão de sua obra máxima, *Cosmos*, as aulas do professor Manuel foram definidas como inspiradoras, pelas suas alunas, as primeiras mestras do curso, posteriormente, professoras da pós-graduação em geografia na UFS. Na verdade, tratava-se de uma visão abrangente e crítica dos pensadores originários da ciência geográfica. E quanto a Humboldt, Vargas (2013) enfatiza o olhar crítico e ao mesmo tempo sedutor oferecido pelas aulas de MCA.

i) ele não separa a Geografia física da humana; ele fala de mundo orgânico e mundo inorgânico; ii) da maternidade não se duvida, porém, a paternidade é discutível; ele não foi o pai, pode-se dizer, propulsor da Geografia; iii) não é uma obra simples. Deve-se considerar a época em que o autor viveu, sua formação, no caso botânica e, ainda, sua origem nobre (VARGAS, 2013, p. 13).

Ademais, a oferta do Seminário de “Estudos e Problemas Brasileiros”, disciplina obrigatória na graduação e pós-graduação nos anos oitenta, ainda resquício do regime militar na educação superior no país, versava sobre a “Região Nordeste: um problema permanente”, ministrada originalmente pelo professor com ênfase no planejamento regional e na questão da seca, temáticas recorrentes em suas obras.

É válido assinalar que se vivia um momento histórico de inserção da chamada geografia crítica e da necessidade de revisão das categorias de análise da geografia, e nesse campo Manuel Correia emprestava seus conhecimentos filosóficos e epistemológicos e sua vivência de longa data na educação geográfica e nas práticas da agricultura, para subsidiar a formação de corpo técnico na pós-graduação sergipana.

A chamada geografia crítica entrou no NPGEIO pelas mãos e pelas obras de Manuel Correia de Andrade, Milton Santos e de uma geração de geógrafos jovens à época, representados por Antonio Carlos Robert Moraes e Ruy Moreira. Embora em certo sentido tenha ficado órfã e enfraquecida pela força da geografia cultural e do movimento ambientalista e da própria falta de vitalidade epistemológica, a geografia crítica no PPGEIO teve a colaboração decisiva do Prof. Heinz Dieter Heidemann e de uma das suas orientandas mais diligentes, arguta, provocativa e ainda muito produtiva, Dr<sup>a</sup> Alexandrina Luz Conceição. Em ambos os casos, a lateralidade das ideias do mestre



do Engenho Jundiá<sup>8</sup> está presente. Vale destacar a relação original de Dr. Heidemann com Manuel Correia desde a elaboração da Tese de Doutorado na Universidade Philipps-Universität, em Marburg (1980), Alemanha, sob orientação “informal” de MCA, até sua passagem pela UFPE, em incursões sobre História do Pensamento Geográfico e sobre mobilidade regional. Na esteira dessa busca de relações, é digno de nota as discussões sobre campesinato e pensamento social brasileiro, desenvolvidas por Luz Conceição. Parece que as ideias se misturam, se chocam, se repelem e se imbricam num emaranhado de fios e teias de relações nem sempre visíveis, e tampouco simples de entender e decifrar. A articulação com a história, o caminho da epistemologia e o foco na realidade brasileira ajudam a entender a indivisibilidade entre política, economia e geografia presentes na obra de MCA, considerada pioneira pela chamada geografia crítica em sua busca da totalidade.

Embora no presente texto não caiba uma discussão, por mais breve que seja, sobre o significado da geografia crítica no Brasil, é conveniente destacar, nesse momento da argumentação, o espírito integrador e polêmico das ideias do professor Manuel que se não seguiu diretamente os cânones marxistas ou fenomenológicos, foi um crítico contumaz, rigoroso e preciso sobre a geografia. Ao mesmo tempo, figura entre os pioneiros no Brasil em evidenciar a necessidade de revisitar os clássicos e de discutir nossas categorias analíticas. Havia também uma defesa do trabalho de campo na esteira da geografia tradicional. Enfim, está entre aqueles que deixaram claro que um dos caminhos para o avanço da geografia estava na compreensão do legado do pensamento geográfico. Ademais, tentou explicar as desigualdades regionais brasileiras, principalmente na região Nordeste, através de uma perspectiva histórica, crítica, reflexiva e de denúncia das relações de poder e das formas de controle social e de domínio do território, e a pós-graduação em Sergipe não ficou imune a esse debate, tendo suas obras muitas vezes como referência central, pelo menos para os trabalhos de geografia agrária e de estudos regionais.

Além de ministrar disciplinas nas primeiras turmas e participar de bancas, como já foi dito, nosso homenageado recebeu o título de Dr. Honoris Causa pela UFS, em 1995, evidência cabal de autoridade intelectual, respeito e reverência entre os pares, geógrafos e não geógrafos. Segundo França e Luz (2008, p. 19):

A abertura do ano letivo de 1997 foi abrilhantada pela presença do professor Manuel Correia de Andrade que proferiu a aula inaugural e recebeu da instituição o título de Doutor Honoris Causa pela sua grande contribuição sobre a questão agrária no Brasil, particularmente, da região Nordeste, tendo publicado o livro *A terra e o homem no Nordeste*, considerado a mais importante publicação para a leitura do espaço agrário nordestino.

---

<sup>8</sup> Local de nascimento e Manuel Correia de Andrade, localizado na Zona da Mata de Pernambuco (REVISTA GEOSUL, 1991-1992).



As variadas participações em eventos promovidos pelo NPGeo da UFS também são evidências dos fortes vínculos desse geógrafo, historiador e advogado pernambucano com Sergipe, em termos dos direcionamentos de ponta da geografia e de investigações feitas sobre a geografia do Nordeste do Brasil. Além de participar ativamente da “fase heroica” da AGB, MCA teve presença marcante nos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA), com destaque para a VIII edição do evento, realizado na Barra dos Coqueiros, município costeiro de Sergipe, em 1987, sob a organização do então NPGeo, momento no qual o professor Manuel Correia proferiu a conferência de abertura intitulada “As Perspectivas da Agricultura Brasileira e a Geografia”. O evento Geografia 2001, organizado pelo NPGeo, no ano de 1998 (Figura 1), em comemoração dos 15 anos da pós-graduação, teve também a participação do Professor Manuel que ministrou a conferência “Geografia, Tecnologia e Ideologia: rumos para o século XXI” discutindo os grandes desafios do século XXI em termos de desenvolvimento tecnológicos, aceleração da exploração dos recursos naturais e degradação da natureza.

**Figura 1:** Prof. Manuel Correia no Evento Geografia 2001 - Aracaju - 1998



Fonte: Registros fotográficos do PPGeo/1998<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Da esquerda para direita na foto estão os seguintes professores: Vera Lúcia Alves França (PPGeo-UFS), Adelci Figueiredo (NPGeo - UFS - In memoriam), Barbara-Christine Nentwig Silva (UFBA), Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva (UFBA - In memoriam), Ana Virgínia Costa de Menezes (NPGeo - UFS), Terezinha Oliva (UFS), Neuza Maria Góis Ribeiro (UFS), Manuel Correia de Andrade (UFPE - In memoriam), Maria Augusta Mundim Vargas (PPGeo - UFS), José Borzacchiello da Silva (UFC), Maria das Graças do Lago Borges (UFRN - aposentada) Maria Geralda de Almeida (UFG - NPGeo - UFS), Aracy Losano Fontes (PPGeo - UFS - In memoriam), Vania Fonseca (NPGeo - UFS - aposentada), Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto (PPGeo - UFS) e José Alexandre Filizola Diniz (NPGeo - UFS - aposentado).



Na pesquisa, a influência de MCA foi igualmente ampla, uma vez que os estudos sobre o mundo agrário sempre estiveram na mira do NPGEIO e permanecem numa das linhas do atual PPGEIO. No mesmo diapasão, nas dissertações a presença da MCA como referência bibliográfica era frequente, a exemplo dos seguintes livros: “A Terra e Homem no Nordeste”, “Agricultura & Capitalismo”, “Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste” e “Lutas Camponesas no Nordeste”. A capacidade de síntese, a abundância das fontes, o aspecto propositivo e a competência para abordar, sob várias vertentes e com o olhar interdisciplinar, a realidade nordestina caracterizam grande parte do seu trabalho de pesquisa. Talvez essa seja a razão do sucesso de seus mais de 150 livros e opúsculos publicados (ANDRADE, 2018). O público leigo e acadêmico ainda muito se interessa, porque são livros clássicos, com ideias pioneiras, escritas numa linguagem clara, fluida, objetiva e bastante acessível. Além de pesquisador exímio, Manuel Correia era um grande escritor.

A participação em bancas no NPGEIO, desde as primeiras turmas do Mestrado até o ano 2001, merece um registro especial (Quadro 2), primeiro porque há uma espécie de memória viva entre os mestrandos daquela época que recordam da participação do prof. Manuel nas sessões públicas de defesa, verdadeiros acontecimentos intelectuais com muita audiência. Em segundo lugar, porque eram aulas de erudição, sabedoria e conhecimento geográfico sistematizado. Em geral, os alunos da graduação e da pós-graduação assistiam num “silêncio sepulcral” às defesas, e os comentários posteriores eram de aprendizagem e incentivo para pensar seus trabalhos, as questões sociais e a realidade regional do Nordeste brasileiro. Tanto os mestrandos como a audiência ali presente acompanhavam a discussão sobre as mais variadas temáticas da geografia agrária, a exemplo da concentração da terra, subordinação dos trabalhadores rurais ou mesmo das técnicas de produção, planejamento territorial, desigualdade e a necessidade de uma política de reforma agrária. Eram aulas magistrais de geografia, daquelas que encantam tanto os iniciados como os não iniciados nesse campo do saber.

**Quadro 2:** Participações de Manuel Correia de Andrade em banca de Mestrado no NPGEIO

Nº	Geógrafo(a)	Título da dissertação	Ano	Cargo atual
1	Edna Maria Furtado	A cultura do caju e as mudanças no espaço rural do município de Lagoa Nova – RN	1990	Profª Drª da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
2	José Augusto Andrade	O município de Moita Bonita (SE) e a pequena produção camponesa	1991	Prof. aposentado da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
3	Antônio Carlos Campos	Assentamento Vitória da União: unidade familiar versus organização	1997	Prof. Dr. da Universidade Federal de Sergipe (UFS)



		coletiva		
4	Marleide Maria Santos Sérgio	O Sertão do São Francisco e os movimentos sociais no campo	1999	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> aposentada da Universidade Federal de Sergipe.
5	Sônia de Souza Mendonça Menezes	As fabriquetas de queijo: uma estratégia de reprodução camponesa no município de Itabi – Sergipe	2001	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> do PPGEIO da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Fonte: CONCEIÇÃO; FRANÇA, 2008.

Elaboração e organização: José Wellington Carvalho Vilar/2022.

Os depoimentos desses mestrandos à época, hoje professores universitários, alguns até já aposentados, refletem exatamente a presença viva, eloquente, estimulante e generosa do professor MCA (Figura 2):

A presença do professor Manoel Correia de Andrade no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGEIO) da UFS sempre se fez presente, seja a partir das leituras obrigatórias de obras consagradas nas ciências sociais e humanidades, mais precisamente, na geografia e história regional, seja pela sua presença constante em Seminários de temas específicos realizados tanto na Universidade ou em eventos que coincidimos nos anos 90.

A sua influência pela crítica social, análise política e econômica e, fortemente marcada pelo cunho marxiano relacionada aos estudos regionais foram fundamentais para pudéssemos convidá-lo para compor a banca examinadora da minha dissertação de mestrado, que assim como alguns poucos trabalhos defendidos na Geografia sergipana, ousava discutir a trajetória do movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST) e suas estratégias de permanência e sobrevivência. Tanto no trabalho de pesquisa e construção da dissertação “Assentamento Vitória da União: Unidade Familiar versus Organização Coletiva” defendida no dia 29 de maio de 1997 (dia do geógrafo), quanto no momento final da sabatina empreendida pelos Professores José Alexandre Felizola Diniz e a minha orientadora Adelci Figueiredo Santos (*In memoriam*), o mestre sempre esteve presente; até para questionar a audácia de desenvolver um trabalho monográfico desse tipo, carregado de histórias, memórias e desafios inconclusos para as famílias dentro da casa eminentemente teórica quantitativa. A defesa se transformou no diálogo como ele mesmo intitulou, uma vez que entre alguns cafezinhos, biscoitos amanteigados, queijadas de São Cristóvão e as fotografias dos sujeitos estudados e mapas de perspectivas de justiça social, chegamos a quebrar a dureza dos cenários anteriores, quando da aprovação e indicação para leitura dos que viriam depois.

O geógrafo-historiador nos deu algumas lições além dos seus livros e ensaios, entre as mais importantes, ali mesmo no cotidiano das conversas nos intervalos dos eventos, sempre perguntava o que queríamos fazer, que espécie de professor queria ser? E dizia que sempre devemos buscar a igualdade entre as pessoas. Que nunca devemos subestimar o outro (Dr. **Antônio Carlos Campos**, Prof. do Dpto. de Geografia da UFS, 2022).



**Figura 2:** Sessão de defesa de Mestrado do Prof. Antônio Carlos Campos - NPGeo - UFS - 1997.



Fonte: Arquivos do prof. Dr. Antonio Carlos Campos<sup>10</sup>.

Treze (13) de dezembro de 1999, apresentação dos resultados de minha pesquisa em forma de Dissertação de Mestrado – “O Sertão do São Francisco e os Movimentos Sociais no Campo. Entre os membros da banca, o Prof. Manuel Correia de Andrade, convidado da Prof<sup>a</sup> Adelci Figueiredo (Orientadora), ratificado por mim. A contribuição de Manuel Correia com sua presença serena, firme e, em suas palavras, “muito à vontade e feliz em estar na Federal de Sergipe, ao lado de Adelci e Alexandre Diniz avaliando um trabalho que traz a importância da luta camponesa”, antecede aquele momento. O conjunto de sua obra, referência em minha formação, revela o profundo conhecimento da realidade brasileira, particularmente do Nordeste, dos sujeitos que imprimem e dão sentido às lutas históricas dos camponeses, e se tornou essencial no desenvolvimento do meu trabalho. Eterno reconhecimento e gratidão, Professor! (Dr<sup>a</sup> **Marleide Maria Santos Sergio**, Prof<sup>a</sup> do PPGeo da UFS, 2022).

O Professor Manoel Correia de Andrade, autor do clássico **A TERRA E O HOMEM NO NORDESTE**, ao participar como avaliador externo da minha defesa de Mestrado (A cultura do caju e as mudanças no espaço rural de Lagoa Nova/RN, sob a orientação do Professor Dr. Heinz Dieter Heidemann - PPGeo/UFS), trouxe a beleza, e a lucidez do enriquecimento científico àquele debate. Como admiradora do legado do Grande Mestre da Geografia, agradeço a oportunidade de reverenciá-lo. Prof. Manoel Correia de Andrade, PRESENTE! (Dr<sup>a</sup> **Edna Maria Furtado**, Professora Titular Aposentada - DGE/UFRN, 2022).

<sup>10</sup> Na foto, além do prof. Antonio Carlos Campos, participam da banca examinadora a orientadora, prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adelci Figueiredo, e como examinadores o prof Dr. José Alexandre Filizola Diniz (membro interno) e o Dr. Manuel Correia de Andrade (Membro externo).



A contribuição de inúmeros trabalhos acadêmicos nas primeiras edições da GeoNordeste<sup>11</sup>, Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFS, desde seu início nos anos oitenta, teve a colaboração do Professor Manuel em vários artigos, tratando das tendências da geografia brasileira da questão da construção de represas e da crise da atividade açucareira no Nordeste, além de uma entrevista concedida ao professor Dr. Heinz Dieter Heidemann<sup>12</sup> e João Phelipe Santiago<sup>13</sup>.

**Quadro 3:** Textos de Manuel Correia de Andrade publicados na Revista GeoNordeste

Nº	Título do artigo/entrevista	Ano de publicação	Temática do texto
1	A construção de grandes represas e os impactos ecológicos e sociais provocados	1984 - Ano I	Tecnologia e sociedade A ação do Estado no Vale do São Francisco As consequências ecológicas e sociais da política modernizadora
2	Tendências atuais da geografia brasileira	1985 Ano II	A formação da geografia científica no Brasil A consolidação da geografia científica no Brasil As tendências recentes da geografia brasileira
3	Entrevista: Manuel Correia de Andrade	1986 Ano III	Vida e obra de MCA
4	A crise açucareira no Nordeste do Brasil	2000 Ano XI	Distribuição geográfica da produção A produção de açúcar A produção de álcool Que perspectivas e que soluções?

Fonte: Revista GeoNordeste, números variados.  
Organização: José Wellington Carvalho Vilar/2022

#### 4 O OLHAR DOS PARES

Por último, alguns depoimentos de professores do PPGE0 evidenciam a importância do professor Manuel para o programa e para a geografia brasileira:

Manoel Correia de Andrade foi um cientista difusor do conhecimento geográfico brasileiro, de modo particular nordestino, com vasta produção acadêmica regional articulando o local com o global, destacando o Brasil no cenário internacional. A minha geração dos anos 1980 da Geografia sergipana teve o prazer de ser agraciada com uma de suas mais importantes obras "*A terra e o homem no Nordeste*", leitura obrigatória para acesso ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFS até os anos 2000, além da primaz obra "*Geografia Econômica*, adotada por sua

<sup>11</sup> A GeoNordeste teve sua primeira edição em 1984 e permanece ativa até os dias atuais. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/index>>. Acesso em: 04/02/2022.

<sup>12</sup> Atualmente é professor aposentado pela Universidade de São Paulo (USP); compôs o quadro docente da primeira geração de professores do NPGE0/UFS.

<sup>13</sup> Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1991) e Doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2005), com tese sobre a contribuição de Manuel Correia de Andrade à geografia no Brasil. Atualmente, é professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



contemporânea na graduação a prof<sup>a</sup> Adelci Figueiredo Santos. O excelente legado deixado na produção do conhecimento geográfico extrapolou os limites da Geografia para o campo multidisciplinar com trânsito de reconhecimento meritório na Sociologia, Antropologia e Economia, entre outros campos (Dr. **Hélio Mário de Araújo**, PPGeo-UFS, 2022).

O grande geógrafo nordestino, Manuel Correia de Andrade, se constitui num grande nome da Geografia brasileira com contribuição significativa através de suas pesquisas e de sua intensa produção bibliográfica, com destaque especial para a obra *A Terra e o Homem no Nordeste*. Para o Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal de Sergipe, o professor tem grande expressão, tendo em vista que participou do grupo inicial de docentes que formaram o Núcleo de Pós-graduação em Geografia, ainda em 1983. Coube ao Professor Manuel proferir a primeira aula do Núcleo, dentro das atividades da disciplina História do Pensamento Geográfico, da qual muito me honrou participar. Portanto, foi um dos *amigos da primeira hora*, com contribuição significativa para o Núcleo, com participação em disciplinas, seminários e em bancas examinadoras de mestrado e doutorado (Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Vera Lúcia Alves França**, PPGeo-UFS, 2022).

Ao grande geógrafo, toda nossa admiração advinda de seu legado intelectual e de sua disponibilidade em contribuir na formação da pós-graduação em Geografia da UFS. Não fui sua aluna, mas acompanhei sua trajetória e o cuidado em levar seu conhecimento e suas letras para a Geografia Brasileira. Foi autor citado e referência para toda uma geração e, na minha tese especificamente seus trabalhos “A terra e o Homem do Nordeste”, “O Planejamento Regional e o Problema Agrário no Brasil” e Brasil: Realidade e Utopia”, fundamentaram os reflexos do estudo da seca em Sergipe. Gratidão e reconhecimento sempre aos seus clássicos (Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto**, PPGeo-UFS, 2022).

Debruçar-se nos livros de Manoel Correia de Andrade é um ato que me acompanha desde o início da minha graduação, enquanto aluna, em seguida na utilização de suas referências para minhas aulas na educação básica da rede estadual de ensino, utilizando-me dos seus livros didáticos, até o momento que sela a aproximação e o convívio do autor e da obra, que se estabelece a partir da minha entrada na Pós-Graduação. Para ser aprovada no mestrado no Núcleo de Pós-graduação de Geografia na UFS foi preciso adentrar em cada página da sua obra magna: *A Terra e o Homem no Nordeste*, ou absorvíamos o conteúdo, ou não entrávamos no mestrado, essa era a prática obrigatória que o Núcleo determinava, afinal era e foi a garantia de termos a consolidação por fontes científicas das bases históricas e geográficas da formação socioespacial do Nordeste, e o estudo da questão agrária no Nordeste.

Destaco, que o mais prazeroso na minha formação foi poder constatar o compromisso, que o Professor Manoel Correia tinha com o conhecimento científico, sua postura ética política nos Eventos, nas Bancas de mestrados, doutorados, titular, podia-se constatar a leveza de sua arguição. O que mais me cativava era a sua participação nos Grupos de Trabalho, nas Comunicações dos nossos Eventos fossem organizados pelas entidades estudantis, fossem eventos organizados por professores, lá estava o Professor Manuel presente na linha de frente, desde a abertura, sempre demonstrando respeito e compromisso, sua capacidade de escutar, perscrutar, cooperar no debate, querer conhecer, questionar. Uma singularidade do Professor Manoel Correia era sua determinação em buscar o novo, anotar o diferente, na sua impressionante capacidade de querer investigar e



trazer novos artigos e atualização de suas obras (Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Alexandrina Luz Conceição**, PPGeo-UFS, 2022).

Foi no ano de 1980 que encontrei com o geógrafo Manuel Correia de Andrade, em um evento organizado por nós, professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Acre. Terra de clima equatorial, chuvas abundantes, com um histórico de extrativismo da borracha, seringais em decadência a despeito do labor dos seringueiros e chegada de “paulistas” pecuaristas, a Geografia acreana escolheu um conferencista nordestino que apresentasse o contraponto. Andrade já era bastante conhecido pelo “A Terra e o Homem no Nordeste” (1963). Nele, ele analisa a economia, a ocupação, reforma agrária, êxodo rural, a elaboração dos sistemas agrícolas e de criação de animais, relações de trabalho entre proprietários e trabalhadores existentes no passado e no século XX. Seu mérito foi procurar interpretar a região Nordeste, demonstrando esta possuir um potencial econômico favorável e nordestinos capazes de promover mudanças e desenvolvimento. Andrade, sem o saber, já fazia uma abordagem humanista cultural ao discutir A Terra e o Homem no Nordeste (Dr<sup>a</sup> **Maria Geralda de Almeida**, Prof<sup>a</sup> da UFG e do PPGeo da UFS, 2022).

Um depoimento especial, feito pelo professor Heinz Dieter Heidmann, sintetiza muito bem o caráter indisfarçavelmente intelectual que se mistura com a generosidade e seriedade, valorizando o trabalho de campo e emprestando seu prestígio intelectual para novas propostas nos caminhos da ciência geográfica nordestina.

Conheci o Prof. Manuel Correia de Andrade em 1976 quando estava fazendo pesquisa para a minha Tese de Doutorado numa universidade alemã sobre migrações e mobilidade do trabalho em Pernambuco. Logo se tornou amigo e meu estimado orientador “de facto”. Poucos anos depois me visitou com Dona Lourdinha na Alemanha para conhecer em viagens comigo várias universidades e discutir aspectos da Geografia alemã. Continuadamente aprendi muito com o seu profundo conhecimento de estudos geográficos para o meu posterior caminhar de professor visitante na UFPE em 1981, onde MCA tinha criado recentemente o curso de mestrado, e a partir de 1983 na UFS como Prof. Adjunto na fase inicial do NPGeo, do qual MCA era docente credenciado. Os seus ensinamentos na UFS aproximaram os estudantes às reflexões teóricas do seu amigo Caio Prado Junior e à História do Pensamento Geográfico. Transmitiu em particular os seus profundos conhecimentos da geografia nordestina adquiridos em inúmeros trabalhos de campo. Aliás, sempre destacava a importância dos trabalhos de campo como fundamento essencial para a ciência geográfica. Em Sergipe ele influenciou bastante a visão geográfica da Profa. Adelci e seus alunos e foi muito respeitado pelo Prof. Alexandre e seus orientandos (Prof. Dr. **Heinz Dieter Heidemann**, Universidade de São Paulo, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um fio de Ariadne, a questão aqui proposta, ou seja, destacar a relação entre a obra e a presença de Manuel Correia de Andrade junto à pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, se revelou bastante complexa, com tentáculos e articulações com vários



campos, autores e contextos históricos e epistemológicos. Se há alguma resposta possível para essa questão, parecer ser a necessidade de reflexão em conjunto para desvelar as conexões históricas e ontológicas na produção do conhecimento geográfico em Sergipe.

Seja como for, são muitos os traços marcantes do professor Manuel Correia, presentes em muitas entrevistas e também encontrados nas fontes secundárias pesquisadas, que demonstraram a relação com a geografia sergipana, principalmente com pós-graduação. Igualmente, são muitas as contribuições para geografia sergipana. Cabe aqui, num esforço de síntese, relacioná-las: i) valorização docente e discente; ii) abertura de oportunidades; iii) ampla e variada produção intelectual que contribuiu (e ainda contribui) ou inspirou (e ainda inspira) a produção do conhecimento geográfico em Sergipe; iv) presença física em eventos e bancas; v) colaboração com a revista GeoNordeste; vi) “empréstimo” de prestígio acadêmico em várias situações e contextos; vii) consolidação de relações profissionais e também de amizade; e viii) construção de redes de contatos entre geógrafos nacionais e internacionais.

Por meio dos textos clássicos redigidos pelo professor Manuel ou pela presença constante no início do programa, a contribuição é evidente para a consolidação da Pós-graduação sergipana em geografia, uma referência que deve ser ressaltada dado o seu caráter de pioneirismo, qualidade intelectual e abrangência temática. E nesse quesito as colaborações do professor foram, sem sombra de dúvidas, decisivas não somente nos momentos iniciais de incerteza do programa, como ao longo da sua trajetória exitosa.

O PPGEIO da UFS tem muito a agradecer pelas cooperações do Dr. Manuel Coreia de Andrade, intelectual da mais alta estirpe da geografia brasileira, com trabalhos clássicos sobre o espaço agrário do Nordeste, planejamento e pensamento geográfico, colaborador da primeira hora com a pós-graduação da geografia sergipana. Muito obrigado professor Manuel! Toda uma geração de geógrafos e geógrafas das terras do indígena Serigy, ou o(a)s que por aqui estudaram, reconhecem seu trabalho geográfico que ultrapassou as fronteiras rígidas do conhecimento científico e por isso é reverenciado fora dos muros da vida acadêmica universitária. Vida longa para o pensamento, hoje clássico, do Professor Dr. Manuel Correia de Andrade, amigo ilustre da geografia sergipana.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos professores do PPGEIO e do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) pelos depoimentos, fotografias e informações gentilmente cedidas. A



responsabilidade pelas ideias, o encargo dos registros e as interpretações, obviamente, são exclusivas do autor.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. A construção de grandes represas e os impactos ecológicos e sociais provocados. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano I, nº 1, 1984, p. 1-11. Disponível em: [7https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/4352](https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/4352)>. Acesso em: 30/01/2022.

\_\_\_\_\_. Tendências atuais da geografia brasileira. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano II, nº 2, agosto de 1985, p. 14-23. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/4342>>. Acesso: 30/01/2022.

\_\_\_\_\_. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. IN: SANTOS, M. **Novos rumos da geografia brasileira** (Org.). São Paulo: HUCITEC. 1988. p. 181-201.

\_\_\_\_\_. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. A crise açucareira no Nordeste do Brasil. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XI, nº 1, outubro de 2020, p. 117-132. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/10598>>. Acesso em 3/2/2022.

ANDRADE, T. de L. C de. **Vida e obra de Manuel Correia de Andrade: caminhos percorridos na geografia e contribuições aos estudos regionais e ambientais**. Tese de Doutorado, USP, 2018.

CONCEIÇÃO, A. L.; FRANÇA, V. L. **NPGEIO 25 anos de contribuição à Geografia: catálogo de Dissertações e Teses (1988-2008)**, São Cristóvão: EDUFS, 2008.

DINIZ, J. A. F. 30 anos de pós-graduação em geografia na Universidade Federal de Sergipe (1983-2013): nos caminhos da memória. **Revista GeoNordeste**, ano XXVIII, nº 2. 2017, p. 247-272. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/7245>>. Acesso em 27/1/2022.

DINIZ, J. A. F. A propósito da Pós-graduação em geografia no Brasil. **Boletim Goiano de Geografia**, 15(1): 1-15, jan./dez.1995. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4324/3788>>. Acesso em: 6/2/2022.

DINIZ, J. A. F. O curso de pós-graduação em geografia na UFS: Especialização/Mestrado. **Revista GeoNordeste**, Ano I, nº 1, 1984, p. 54-56. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/4359>>. Acesso em: 05/02/2022.

FRANÇA, V. L. A. A SAGA DO PPGEIO: breve relato como contribuição à memória da Pós-graduação em Geografia da UFS. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXIX, n. 2, Jul./Dez. 2018. p. 277-285. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/10591>>. Acesso em 26/1/2022.



\_\_\_\_\_. NPGeo/UFS: determinação e persistência de um grupo. **Revista GeoNordeste**, Edição Especial dos 30 anos do NPGeo, ano XXIV, nº 2, 2013, p. 1-9. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1506>>. Acesso em: 25/01/2022.

REVISTA GEOSUL. Entrevista com o professor Manuel Correia de Andrade. **Revista Geosul**, nº 12, ano VI, 2º sem., 1991 - 1º sem., 1992, p. 130-169. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12793>>. Acesso em: 23/01/2022.

REVISTA GEONORDESTE. Entrevista: Manuel Correia de Andrade. **Revista GeoNordeste**, Ano III, nºs 1 e 2, 1986, p. 103-114. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/10533>>. Acesso: 2/2/2022.

REVISTA GEONORDESTE. n. 1 (1988): Ano V - junho de 1988 - **Edição Comemorativa - ENGA Ano 10**. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/issue/view/395>>. Acesso em: 5/2/2022.

SANTOS, A. F. Uma experiência de pós-graduação. **Revista GeoNordeste**. Edição Comemorativa dos 10 anos da Pós-graduação em Geografia da UFS. Ano VIII, nº 1, 1993, p. 13-17. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/10564>>. Acesso em: 23/01/2022.

VARGAS, M. A. M. Geografizando nos grifos da memória. **Revista GeoNordeste**. Edição Especial dos 30 anos do NPGeo, ano XXIV, nº 2, 2013, p. 10-23. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1507>>. Acesso em 24/01/2022.

VILAR, J. W. C. et al. (Orgs). **70 anos da geografia sergipana (1951 – 2021)**: nos caminhos da memória. Aracaju. Editora Criação, 2021.